

EM FACE DA LITERATURA CONTEMPORÂNEA E ACTUAL

A geração universalista e crítica de 1870 (Antero, Oliveira Martins, Eça, Ramalho, etc.) succedeu nas nossas letras a geração nacionalista de 90, suscitada pelos filólogos. Tudo teria sido excelentíssimo, se nacionalismo, aqui, significasse interesse mais profundo, mais directo, pelas coisas nacionais, *sem perda do espírito crítico e universalista da geração de 1870*. Não succedeu, infelizmente, assim. O nacionalismo foi, quasi todo, estreitamente esteta, muito exclusivamente voltado para o pretérito, e ridiculamente *chauvin* e infantil. A cultura desceu, o espírito estreitou-se.

Na literatura de ficção, concentrou-se demasiado esforço nos artificios de forma e de vocabulário, em prejuizo do estudo da alma humana, que é na literatura o essencial. Ao mesmo tempo que a acrobacia do verbo nos fazia esquecer, ou perdoar, a fraqueza da substância, e que o léxico substituía o espírito, prolongava-se a direcção encetada, passando-se do nacionalismo ao regionalismo, e perdendo-se assim cada vez mais no que respeita à essência e ao interesse humano.

Na literatura não novelística—na literatura crítica e de ideias,—viu-se perfeitamente quanto o português é papagaio. Importaram-se de Paris, de França os escritores reaccionários, que forneceram aos nacionalistas, tradicionalistas, etc., o magro cabedal de algumas noções. Nunca houve fonografia igual, tanto psitacismo e automatismo. A aceitação das fórmulas que estão na moda dispensa um cavalheiro de pensar por si. Surgiram-nos puros motivos, que deveriam sempre ter feito versos, e só versos, transformados em ensaístas, filósofos, historiadores. Um público de literatos e amadores das letras, pretencioso mas inculto, aplaudiu fogoso como obras de génio os maiores desconchavos que pode haver. Revelou-se-nos o triste facto de que os grandes escritores de 1870 (Antero, Oliveira Martins e Queirós) eram casos esporádicos, meramente individuais; que não tínhamos, em suma, uma cultura correspondente ao espírito da sua obra. Foram mentalidades estrangeiras, que se exprimiram em português, mas sem correspondência em Portugal. Portugueses, por enquanto,—Camilo e Junqueiro, no que eles teem de menos bom.

Remédio? Buscar no estrangeiro, não ideias e convicções, mas *cultura*. Opôr à mera ligação de palavras um verdadeiro funcionamento do nosso espírito. As peças de um cérebro, entre nós, mechem-se ao acaso, não funcionam. Muitos portugueses não percebem isto, porque sofrem do mesmo mal que os «*intellectuais*». Os estrangeiros, porém, percebem-no; e fecho, por isso, com estas palavras de Aubrey Bell:

«A literatura portuguesa tem revelado, especialmente nêstes três últimos séculos, pouca disciplina intelectual ou senso crítico. Ao vago do pensamento corresponde desconexão e pompa no estilo... Exuberância e falta de precisão ou objectividade são os pecados mortais de muita prosa e muito verso português moderno... E é talvez por terem construído sôbre alicerces sólidos de ilustração clássica que João Pascoli e Josué Carducci excederam os poetas portugueses do século XIX... O jornalista que deita para fóra o seu artigo de fundo depois de ter estado cinco anos em Coimbra a fingir que estudava; o poeta que põe ao léu a sua alma em volumes sucessivos e improvisados; o novelista que se imagina capaz, porque leu alguns romances franceses, de escrever outra *Madame Bovary* ou outra *Chartreuse de Parme* só com a ajuda de um pouco de talento e de outro pouco de indecência; o crítico ou historiador que imagina construir sôbre impressões e conjecturas, — todos êsses fariam bem em ponderar as seguintes humildes palavras de Dante, poeta dos três ou quatro mais inspirados do mundo, e perfeitamente côncio da sua rara inspiração: «E portanto denuncie-se a estultícia dos que, desprovidos de sciência ou arte e confiantes no talento sem mais nada, se abalançam com orgulho inconsciente às mais difíceis emprêsas literárias. Será bom que desistam de tamanha presunção; e, visto serem gansos por natural indolência, não tentem imitar a águia no seu vôo para os astros».

Preferi recorrer a um ponderado estrangeiro, totalmente afastado das nossas lutas, para ganhar mais força de persuasão. Insistir nêste ponto é talvez antipático: mas é útil, e o maior bem que posso fazer. Peço pois aos novos de hoje, aos que querem entrar para a vida das letras, que procurem ganhar uma cultura séria, verdadeiros dotes de pensamento, e probidade intelectual. Consegue-se pela audácia uma glória efêmera nêste país; mas a justiça vem a fazer-se, e saindo enganado o enganador. ¿E quem diz que o público não será, amanhã, menos lôrpa do que hoje é?

ANTÓNIO SÉRGIO.

P. S. — Passo decisivo para a reforma de cultura seria uma Junta de Orientação dos Estudos, — como, sendo ministro, eu quiz fazer. Se a minha geração a não criar, espero que a dos novos a criará.

A. S.